

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Figueiros n.º 82—1.º andar, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSUCAR DE BETARRABA.

(Continuado de pag. 181.)

2426 O METHODO, que na sua fabrica, de Bade, segue *Schutzenbach*, é o seguinte: — cortam-se as betarrabas de alto a baixo com uma especie de formão em pedaços de grossura, pouco mais ou menos, de um terço de polegada. Estes pedaços são subdivididos depois com facas. Estas porções, já muito miudas, logo que se acham em contacto com o ar, entram a enrolar-se por si mesmas, e deixam de ser pegajosas; do que se segue que na estufa, para aonde depois vão, póde o calor circular por entre ellas á vontade. As estufas teem uma temperatura de 34 a 40 gráus de Réaumur. Os principaes utensís da fabrica são muito simples. A machina para cortar não custa mais de 85\$000 réis. Meia força de um cavallo basta para a fazer trabalhar: e com o trabalho de tres mezes póde aviar um milhão de kilogrammas de betarrabas.

Uma fornalha ou esquentador com 10 pés de fundo e 9 de alto póde secar tres mil libras em 24 horas, gastando, pouco mais ou menos, quatrocentas libras de carvão vegetal. Tres fornaldas ou esquentadores bastam para secar tudo quanto a sobredicta machina de cortar lhes possa expedir. Depois de secas estas aparas, moem-se e reduzem-se a um pó grosso, que se embarrica, pulverisado levemente com cal, e armazena-se. D'este modo atura muito sem se estragar. Quando se quer fazer d'elle o assucar, tira-se para fóra, asperge-se com agua pura, que depois se faz evaporar com a machina de Roth, sem nenhuma outra manipulação. A primeira crystalisação produz o que os francezes denominam *un bon quatrième*, e este depois de segunda crystalisação dá logo bom assucar. Por este methodo se obteve em 1839, em logar de cinco por cento, que era o mais que até ahi se conseguia, nove por cento ou quasi o dôbro de assucar.

De uma relação feita em 1838 ao instituto americano por Mr. Noubert Billieux, da *Nova Orleans*, rico plantador de canna de assucar, na *Luisiana*, se averigua, que o termo médio (em dez annos) do producto de uma geira plantada de canna, é de 700 libras por anno nas terras velhas, e mais avantajado nas ainda novas e folgadas. N'um anno de safra dará uma geira vinte mil libras de canna, que fundirão mil de assucar ordinario, que se vende em primeira mão e no ingenho por 45 a 50 réis a libra; e quinhentas libras de melaço que val pouco mais ou menos cada libra 25 réis.

Segue-se que n'um anno bom o producto de uma geira de canna será o seguinte: —

Mil libras de assucar, a 45 réis	45\$000
Quinhentas libras de melaço, a 25 réis	12\$500
	<hr/>
	57\$500

N'este calculo não entram as deducções necessarias dos juros do valor da terra, dos juros do valor e sustentação dos escravos, dos juros do valor e estragos das machinas e outras despezas. Ainda portanto sem estas deducções, que é indispensavel entrarem no calculo, vê-se que 50 geiras não podem render por anno mais de 2:875\$000 réis.

Comparemos agora com isto o que renderia igual terreno em Portugal com betarrabas.

Uma geira de betarraba dará em um anno ordinario quarenta mil libras d'ellas; e portanto 50 geiras darão dois milhões de libras.

Supponhamos que o lavrador as venda em bruto como se costuma em França e Allemanha, pelo preço médio de 4\$800 réis por tonelada que são duas mil libras. Receberá por conseguinte pelo producto em rama das suas cincoenta geiras 4:800\$000 réis: — isto é, 1:925\$000 mais do que lá na America recebeu o plantador de cannas com egnal terreno, dando, não a materia prima, porém o assucar já sobre-carregado com as despezas do fabrico.

Mas examinemos agora qual será o producto de cincoenta geiras de terra, cultivada de betarrabas, querendo convertel-a em assucar refinado segundo os methodos mais recentes. Costuma-se calcular nove ou dez por cento de assucar na materia bruta d'esta raiz; e calcular o assucar refinado a razão de 10\$000 réis por cem libras. Ora uma tonelada ou 2000 libras de betarrabas darão 140 libras de assucar refinado; vinte toneladas, producto de uma geira, 2800 libras; cincoenta geiras, mil toneladas, darão 140:000 libras; 140:000 libras de assucar refinado a

80 réis, fazem 11:200\$000

Agora deduzamos o producto bruto de 50 geiras de cannas, avaliando-o, como já dissemos, em 2:875\$000

Teremos um saldo em favor do assucar portuguez contra o assucar transatlantico, de

8:325\$000

Luiz Walter Tinelli.

ESPARCETO LUZERNA E TREVO.

2427 O ESPARCETO vendeu-se este anno em casa do Sr. Fausto Morato Roma, calçada do Sacramento n.º 20, a 700 réis o alqueire: já porém se acabou.

Não nos consta que actualmente o tenha mais pessoa alguma (nem mesmo o Sr. Holtreman) pois que tendo sido muito e muito procurado, tem-se esgotado toda a semente quanta houve, a não ser que ainda possua algum resto o Sr. Pedro de Roure Pietra, no seu Casal do Pinheiro, freguezia de St.º Quintino, concelho do Sobral de Monte Agraço.

A luzerna vende-se na loja de ferragem de Barros sobrinho e comp.ª, rua dos Capellistas n.º 12 e 13, a 300 rs. o arratel: e pelo mesmo preço tambem se vende a semente do trêvo. N'esta mesma loja costuma haver á venda a semente do sainfoin ou esparceto, vinda da França, costuma vender-se a 120 rs. o arratel, que corresponde a 1100 rs. o alqueire: actualmente não a tem, nem nos consta a espere.

**COMPANHIA PROTECTORA DO COMMERCIO
E AGRICULTURA DOS VINHOS
DA EXTREMADURA.**

2427 TEMOS demonstrado em diferentes e successivos artigos, que a este respeito havemos escripto, a conveniencia e necessidade da creação da companhia: parece-nos ter destruido todas quantas objecções em sentido contrario se nos apresentaram: e o silencio dos impugnadores o consideramos como uma confissão de terem sido convencidos.

Ha algumas semanas temos deixado de escrever, por quanto estando abertas as camaras legislativas, sendo o projecto da organisação da companhia um dos de maior importancia que existem nas commissões de

qualquer das duas casas do parlamento, esperamos que attento o longo tempo que tem decorrido desde que o projecto foi apresentado na camara pelo Sr. deputado Beirão, occasião em que foi logo remettido á commissão, esta apresentasse o seu parecer. Infelizmente assim não tem succedido, e a commissão ainda até hoje não apresentou o parecer, que tão anciosamente é esperado por todos os lavradores de vinhos da provincia da Extremadura: e para que nem por um momento se possa duvidar da importancia d'esta cultura e commercio damos em seguida os mappas que demonstram a producção, consumo interno e exportação, e que serviram de base ao projecto da companhia, esperando que em breve appareça o parecer da commissão: e para então nos reservamos. *****

Termo medio da producção, consumo em Lisboa, exportação, e excedencia do vinho da Extremadura nos 3 annos de 1839 a 1841.

PRODUÇÃO CONFORME O ARROLAMENTO DO SUBSIDIO:	PIPAS.	CONSUMO, EXPORTAÇÃO, E EXCEDENCIA.	PIPAS DE 30 ALMUEDES.	PIPAS DE 26 ALMUEDES.
Districto administrativo de Lisboa.....	78,725	Vinho que se consumiu na cidade pelos despachos da alfandega das Septe Casas.. . .	24,016	27,711
» » » Santarem....	53,932	Dito que se exportou, conforme os despachos da mesma alfandega.....	18,080	19,113
» » » Leiria.....	24,494	Accresce só 1 e meio almude por pipa, porque levam 2 e meio de agua-ardente.		
	157,151	Vinagre que se consumiu na cidade.....	1,251	1,251
	15,715	Dito que se exportou.....	1,100	1,100
	172,866	Não julguei dever augmentar n'estas duas addições a differença que ha de pipas de 26 a 30 almudes, porque, como é sabido, o vinagre leva agua		
		Agua-ardente que se consumiu na cidade, pelos despachos da dicta alfandega.....	1,237	
		Dita que se exportou, como dos mesmos despachos...	886	
		Dita que levou o vinho do consumo, 4 canadas por pipa.	267	
		Dita que levou o vinho que se exportou, para o Brasil 2 almudes por pipa, e para os mais portos 3, na totalidade 2 e meio por pipa.....	1,507	
			3,897	
		Estas 3,897 pipas d'agua-ardente fazem pipas de vinho, tomando 7 deste para 1 d'aquella.....		31,474
				80,649
		Excedencia d'onde são o consumo da provincia, não ha base para se poder calcular..		92,217
	172,866			172,866

N.B. A lei do subsidio dá 20 por cento para quebras, mas não excedendo estas a 10, deve augmentar-se os outros 10.....

Nota do vinho despachado para exportação pela alfandega das Sete Casas nos tres annos abaixo declarados.

DESTINOS.	1839			1840			1841		
	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.
Allemanha	3	26	4	3	5	11			
America Hispanhola	11	10	1	110	1		70	18	6
Arsenal da Marinha	275	8		473		2	373	24	
Baltico	11	28	6						
Brazil	13:786	24	7	12:359	24	6	11:304	23	
Comarcas do reino	237	10		343	9	8	422	18	6
Dinamarca	126	2	3	95	1	8	1	8	6
Estados-Unidos	550	2	4	1	14		405	23	9
França	155	3	1	114	19	6	66	2	5
Grã-Bretanha	1:438	7		1:190	2	4	1:119	2	6
Hollanda	122	12	1	209		3	171	18	8
Hispanha	20	22		7	22			20	
Italia	24	19	9	24	26		13	24	
Ilhas Portuguezas	489	12	2	345	23		109	15	9
Marrocos	2	9		1	6		1		
Possessões Portuguezas	971	27	11	2:570	23	6	1:198	21	7
Russia	1:015	22	9	888	12	6	785	6	
Suecia	59	13	2	65	26	6	26	9	6
Turquia				2	4				
Somma	19:302	27		18:806	17	6	16:130	26	9

Nota da aguardente despachada para exportação pela alfandega das Sete Casas nos annos abaixo declarados.

NAÇÕES.	1839			1840			1841		
	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.	PIPAS.	ALMUDES.	CANADAS.
Allemanha		6						8	9
America Hispanhola	10	20							
Arsenal de Marinha				5	2		1	22	6
Baltico					5			1	
Brazil	16	15	8	11	21	8	20	21	3
Comarcas do reino	1033	29	1	417	15	9	718	21	3
Dinamarca		4			5				
Estados-Unidos	3	13						2	
França					7	4		3	9
Grã-Bretanha	16	28	7	17	27	1	7	26	2
Hollanda e Belgica	4	10	4		23	2		1	
Ilhas Portuguezas	266	"	5	58	"	6	6	28	3
Italia					5	7		1	
Marrocos					2				
Possessões Port. Ultramarinas	18	1		9	14	3	8	2	1
Russia		3			1			1	
Suecia		10			2	6		6	
Somma	1371	1	1	521	12	10	765	1	0

EVANGELHO DE LAVRADORES.

2429 EM TODA a Europa é conhecido o nome de Tiago Bujault, por alcunha o *mestre Tiago*; — lavrador de *Chalone*, homem de larga experiencia e bom juizo, auctor de muitos escriptos de pratica rural, e cujas sentenças são para os cultivadores tão aphorismos, como os de Hypocrates para os medicos, e os de Epitecto ou Franklin para os moralistas.

N'um dos melhores jornaes francezes achamos embrechadas n'uma especie de mosaico sólido as seguintes maximas cortadas de diversas paginas do *mestre Tiago*, que, se já se não recommendam por absoluta novidade, muito pódem valer pela força de sincera persuasão que as vivifica. — Feliz do lavrador que as decorar e pelo seu exemplo as fizer aprender a seus vizinhos. Quando nós outros davamos nos moiros para conquistarmos a terra de Portugal bradavamos; — Santiago e ávante! — para a fecundarmos e prosperarmos, deveriamos bradar com igual fé — *Mestre Tiago* e ávante! —

«Cada cavallo ha mistér de um moço capaz; como cada terra de um bom cultivador.»

«Quem despresa a sua fazenda perde um terço da renda; e ametade ha-de perder se a quizer vender.»

«Se és amigo de teus filhos, tracta da tua propriedade.»

«A boa dona de caza é um thesoiro.»

«Mulher activa e cuidadosa torna a caza abundosa.»

«A feiras e mercados não vás senão para os teus negocios e arranjos: não temas que por tu não appareceres, faltem lá mandriões, comedores, e bebados.»

«Emquanto andas por fóra não fazes nada, gastas parvoamente o teu dinheiro e o trabalho em caza cor-re mal. É peor que pôr uma vella a arder por ambas as pontas.»

«O que primeiro se poupou é o que primeiro se ganhou. De ganhar nem sempre se tem certeza; mas o que se poupa, tem-se.»

«Não percas nada do que póde prestar para a gente, para os animaes ou para a terra.»

«Um punhado de palha dá dois punhados de estrume: e dois punhados de estrume dão um punhado de grão.»

«Põe cada coisa no seu logar; e tracta com amor as ferramentas; sol e chuva estragam tudo; e depois é necessario mais páu, mais ferro, mais trabalho, e mais dinheiro.»

«Acostuma teus filhos a guardar e a apanhar.»

«Cufa com diligencia do que tiveres colhido. Muitas vezes se perde mais n'um dia por negligencia do que se ganhou a trabalhar n'uma semana.»

«Teus filhos que assentem por escripto o producto de tuas colheitas, as tuas compras, as tuas vendas e as tuas despezas.»

«Lavra bem, estruma melhor: não poupes a tua terra, e serás lavrador.»

«Tracta com dó a tua terra, como aos animaes do teu carro: não lhe deites carga com que não possa.»

«Quem sua terra esalfa, sua bolsa estafa.»

«Não lavres a terra forte quando está molhada, nem a terra leve quando está secca.»

«Não ha boa lavoira, sem bom prado e rêlha larga para cortar as raizes.»

«Faze muito por te descartares das más hervas,

«que segundo a minha botanica são da familia dos más lavradores.»

«Queres ter grãos, faze prados para pastio.»

«Os prados são para a lavoira o que o mantimento é para a gente.»

«Se a terra anda esgotada o prado a fortalece: se cançada, descança-a: se comida de más hervas, alimpa-a.»

«Não ha terra em que se não possa fazer prado de alguma casta.»

«Os prados sustentam gados: os gados dão estrume: o estrume dá pão.»

«Não ha pasto sem prado, não ha gado sem pasto, não ha estrume sem gados; e não ha prado sem estrume.»

«Os prados, os pastos, os gados e os estrumes trazem o grão. Todas estas estas coisas andam presas umas ás outras: quem fallar a alguma despeça-se da colheita.»

«Quem faz bons prados de metade da terra, que podia lavar, é lavrador de lei; ainda não é máu lavrador se faz pasto só do terço; o quarto já não basta.»

«Mas quem fizer tantos prados, onde é que ha-de pôr o feno? Onde o poem tres quartas partes da Europa, que é ao olho do sol e ao ar de Deus.»

«Quem não tem feno fóra da caza, não tem feno.»

«Semêa prados todos os annos, se queres todos os annos romper novos prados. Uma aguilhada de arro-téa val por tres aguilhadas.»

«Gessa os teus prados artificiaes. Com doze vintens de gesso mercas doze por cento de mais na aceifa do feno.»

«Não has-de semear senão o que podes estrumar. Faze prados, e cria gados, até que tenhas adubio para todos os teus trigos.»

«Não semêes á medida da terra, mas á medida do estérco.»

«Semear sem estrumar não é semear: deitar sementes a perder é pôr a caza a arder.»

«Uma cabeça de gado grande estruma 200 braças quadradas, outro tanto fazem dez carneiros.»

«Se tens na planicie tres mil braças quadradas, necessitas de trinta e quatro cabeças de gado grande, e sessenta carneiros bem mantidos e com boas camas.»

«Terra fria e molhada, tem-se o mesmo gado e é só meio estrumada.»

«Ninguem semêa cebolas e alhos dois annos a fio na mesma terra, não semêes tambem na mesma terra muitas searas.»

«Terra que não faz mudança depressa se cança. A herva affoga o trigo: depois magra espiga e nenhum respigo.»

«A espiga perfeita faz a boa colheita.»

«De tudo has-de cultivar, para que tudo não venha a faltar.»

«Se falta o pão ao lavrador, a batata é o seu fiador: e se o colleiro lhe trasborda, com a batata o seu gado engorda.»

«Cria gados de diferentes especies, se um se não vende, outro te dá dinheiro.»

«Quem tracta o seu gado, tracta o seu morgado.»

«Engorda o teu gado antes de o vender. A gordura é capa dos defeitos.»

«Semêa e cultiva de proposito para cada creação.

«Tudo o que vive deve viver bem.»

«Se te faltam dinheiros para bois e carneiros, a bezerros e cordeiros chegarão os teus dinheiros. O anho e o bezerro bem creado, medra mais n'um anno do que outro em dobrado.»

«Depressa se faz estrume, dinheiro e trigo. Se és trabalhador e fores poupado, mais tarde ou mais cedo serás abastado.»

«O bebado, o goloso e o mandrião, não recolhe vinho, nem fructa, nem pão. Mas ao que não bebe, não gasta e labuta, manda Deus o pão, o vinho e a fructa.»

NOVA IDÉA DE PAVIMENTOS E CALÇADAS.

2450 No artigo 2362, sob o titulo *Carruagens de vapor*, deixámos dicto que para supprir o ferro nos carris se inventára uma composição mais rija que a pederneira; vamos accrescentar esta curiosa noticia com as informações, que no jornal inglez dos engenheiros civis acabamos de encontrar.

Prosser achou — que misturando-se feldspatho, reduzido a pó, e barro fino, e submettendo este mixto a uma forte pressão entre duas meias fôrmas de aço, todo aquelle pó se reduz á quarta parte do seu volume primitivo, formando um corpo de admiravel rijesa. O primeiro uso, que fizeram d'esta idéa, foi para botões de casaca, e saíram elles, além de baratos, excellentes. Lembraram-se depois, se não poderiam com pedaços uniformes da mesma composição ladrilhar as ruas: fabricaram-se os ladrilhos, com a machina mais simples que se póde imaginar. Uma caixa de aço do tamanho e feitio da peça, que se deseja formar, contém os dois pós misturados e muito seccos. Para dentro d'esta caixa, desce, tocada por um parafuso vertical posto a girar por um braço horisontal de ferro de umas vinte e tantas polegadas de comprimento, desce, dizemos, outra peça tambem de aço, que exactamente lhe ajusta. Quanto mais teima o parafuso, mais o calcador vae fazendo sobre os pós o seu officio, até que já não póde apertar mais: desanda-se então o parafuso; com elle torna o calcador a subir; toca-se no pedal de um registo: este faz subir o fundo da fôrma que é movel e apresenta em cima o ladrilho feito para que o tirem. Estes ladrilhos vão ao forno a coser, depois do que podem-n'os passar do fogo a gèlo e do gèlo a fogo repentinamente, que se não racham nem alteram.

Antes de os metterem no forno pintam-n'os, por garridice, com oxydo metallico. Para selhes dar ainda maior valentia, o que só depende do maior apêto das partes, valem-se da prensa hydraulica.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

NATAL.

25 DE DEZEMBRO.

2451 PARA melhor recrutarem contra o Christianismo as vontades á falta dos intendimentos, assacaram-lhe o baldão que mais feio podesse parecer a mundanos; — chamaram-lhe triste, repreensor importuno, semeador só de cuidados, religião dissociativa e sepulchral:

— chegaram a suspirar saudades, dos ritos delirantes de Baccho, das festas licenciosas de Venus, das theatraes nudezes de Flóra, dos mysterios devassos da deusa Bona. Todas as tradições e monumentos das antisociaes torpezas da Grecia, do Lacio, de Babilonia, de Nínive, de Gomorrha, de Memplis, da China, da India, dos selvagens da Africa e da America, tudo, o que se conchavava com o ignobil das paixões instinctivas e brutas, foi dado por superior a uma crença, que, sem nos arrancar as nossas raizes naturaes, nos decóta os luxuriantes ramos, que assombram a terra, para que mais direita e subidamente nos ergamos para a luz de cima, que é a unica desdobladora de flores, para um suave e copioso fructear.

Não carece o Catholicismo de se defender de taes arremettidas: os seus adversarios mesmos lá se combatem e derrotam uns aos outros: — enquanto uns, os sofistas, o alcunham de nimio espiritual; os outros, os protestantes, o tacham ainda de mui terrestre; e á força de o podarem de quantos ramos floria para a imaginação e sentidos, que Deus nos deu, como nos deu a alma, mirraram e esterilizarão para si o tronco fertil de tantos balsamos.

O Catholicismo é, e não podia deixar de ser, a religião da parte mais intellectual do mundo. Porque mantendo inalteravel o deposito das primitivas doutrinas e tradições, longe de condemnar os gozos e prazeres, os auctorisa e sanctifica, exceptuando e condemnando só aquelles, que, semelhantes aos fructos de Sodoma, não são por dentro mais que cinza, ou, como os da arvore prohibida, levam por carço a semente da morte. — Servi ao SENHOR na alegria — disse o propheta. — E a egreja, semelhante á esposa dos cantares, alegra-se, ama, respira e esparze delicias, atavia-se de galas e gemmas, banha-se em perfumes, exulta e descanta entre os instrumentos musicos e clama de mimosa; — flores, flores, trazei-me flores, que de ternura me desfaleço.

Se o interior do culto é sempre severo e inflexivel; nas suas exterioridades, nas suas manifestações aos sentidos, ha o suave, o formoso, muitas vezes a ledice e o contentamento: como no cédro do Libano ha o tronco resistidor de temporaes, incorruptivel materia para o palacio, para o throno e para o templo de Salomão, e folhagem vistosa e fragrante para lisonja dos olhos, dos ouvidos e do olfacto, para se revolver nas virações, tingir-se da aurora, doirar-se do sol, povoar-se de ninhos e melodias.

O pensamento da morte, como principio da vida, ressumbra, sim, mais ou menos visivel em todas as solemnidades catholicas; como dentro em cada um dos dançarinos e dançarinas engrinaldados e ridentes, que volteam afervorados n'uma ronda, anda um esqueleto, e aquelles olhos, que dizem amor e jubilo, dentro em caveiras se revolvem: mas se esse pensamento é uma necessidade inevitavel para os que temos de morrer, se a religião nol-o devia recordar de continuo, já que de continuo os envites da natureza nos desvairam para sobre as boninas com que se encobrem os precipicios; ; que mais podia a mesma religião fazer do que levar-nos por sua mão, onde nos recreassemos, não só á sua moda mas tambem á nossa!

Os dois marcos, postos a eguaes distancias na circular estrada do anno christão, são em todas as partes os

dois dias de maior regosijo: no estio o S. João; no inverno o Menino Deus: — o Precursor da Salvação e o Salvador são as duas bellas figuras que de cima d'estes marcos enramalhados, como sobre altares indestructiveis veem, ha mil annos, renovar-se em torno a si de geração em geração, os cultos e os folguêdos de nações inteiras: o sol mesmo n'estas duas épocas solemnes pára para retroceder para o meio do globo, onde o alvoroço dos homens como que está desafiando tambem o jubilar da natureza.

Ha entretanto, segundo nos parece, em cada uma d'estas épocas do anno religioso seu character peculiar.

A' do S. João chamariamos nós, a festa do amor, a do Natal a da amizade.

No estio o sangue fervente e rapido como a seiva nas arvores accende-nos os sentidos para o banquete de delicias a que todos os viventes concorrem, e cuja mesa está posta e franca em toda a parte.

De qualquer coisa cria para si thesoiros a phantasia, a solidão mesma cessa de o ser no reinado do sancto do ermo. No meio do bosque espesso, sobre um penedo algoso á borda do mar, no cume do oiteiro ou monte que domina calado a aldeia ou a cidade, ainda sem ouvir falla, ou vêr aspecto humano se está acompanhado. Acompanham-nos, as estrellas, o sol, e as sombras; acompanha-nos o ruido das aguas, das folhas e dos insectos; acompanham-nos as aves do dia e as aves da noite; acompanha-nos a natureza que toda respira e conversa; o nosso coração que não poisa, as nossas esperanças que não dormem e esvoaçam por horisontes sem limittes; acompanha-nos a felicidade, volteando-nos constante em redor do espirito sob a figura de um ente já por nós encontrado ou só em sonhos percebido.

No inverno, os animos, como as plantas, despiram o seu viço; o céu, o ar e a terra nos afugentam — disseréis que a nossa presença os importuna como a d'elles nos contrista: — então a casa succede ao campo, aos prazeres do devanear os da conversação, ao egoismo solitario do amor as expansões do bem querer e os generosos impulsos da charidade. No verão sente-se que a natureza tomou a si o repartir as esmolas da Providencia; ella veste os nus com o seu ar tépido, lança os jardins e as musicas em torno da choupana do indigente; pelos vallados lhe faz nascer os fructos; no chão da seara aperta com a calma aos segadores para que se não detenham a levantar as espigas, que os filhinhos do necessitado virão rabusear avidos e chilreando como os passarinhos, que os seguirão familiarmente. De pouco então se carece e a natureza dá muito. No inverno parece que os anjos da beneficencia recolheram todos o seu vôo para a patria; os insectos pereceram á mingua e ao frio; as aves foram-se apoz o sol á procura d'outras regiões: mas os pobres não poderam como ellas fugir da terra empobrecida. As suas necessidades aggravaram-se, os recursos do trabalho diminuíram-se-lhe: o gemido do mendigo é mais profundo e mais penado; cre-se de fé na sua fome, no seu frio, no seu desamparo, porque sem extrema necessidade como se arrastaria o velho a supplicar pão ao longo das êrmas ruas por entre as renques de janellas bem fechadas, açoitado dos ventos que lhe dispersam a voz antes de ouvida! sem extrema necessidade como curtiria uma pobre mãe as horas da noite, que não acabam nunca, pedindo com lagrimas aos

raros, que passam, com que mercar vida para os pequeninos que a rodeam, á porta e debaixo das goteiras do abastado e para o mais pequenino, que lhe espreme dos peitos a ultima gotta do seu leite, e talvez ri para uma estrelinha do céu, enquanto ella chora sobre elle muitas lagrimas de sangue!

Todas estas lastimas ou nunca jamais as sente quem não as passou, nem as viu de perto; ou só então as adivinha quando a estação é rigorosa, e, muito melhor, se está bem enroupado em frente de bom lume, entre parentes e amigos, ao pé da dispensa barto provida e da mesa bem allumiada e fumegante. — Sim, que é esta a quadra da beneficencia, da charidade, da sociabilidade, — e foi n'esta que o bom Jesus, o Pae, o Amigo, o Consolador dos pobres, quiz nascer. — E como deixaria a terra n'este praso de obedecer ao amoroso bando, pregoado por um celeste aráuto nos céus de Bethlém, — *gloria a Deus e paz aos homens*, — se enquanto nas demais festas christãs o pensamento é obrigado a subir do pó ao firmamento, n'esta, pelo contrario, é o Empyreo mesmo quem baixa a procurar-nos. Desce Deus a buscar o homem e não sobre as azas da tempestade, ao estrepito dos trovões e ao fusilar dos relampagos, não ostentando a omnipotencia e a justiça, mas respirando só a doçura, o amor e a confiança. — Podia ter encarnado sobre um throno imperial e nascido no recinto mesmo do capitolio, fazendo logo, ao seu primeiro vagido, cair das aras circumstantes os ídolos a adoral-o e desfazer-se; mas preferiu ser conhecido por uma palavra de amor no seio de uma virgem obscura, na poisada de um mechanico e n'uma escassa aldeia de um povo já decaído e sujeito aos dominadores do órbe; — abrir os olhos entre as asprezas de uma lapa, ter por primeiros saudadores, antes dos reis e das nações, os pegureiros rusticos das cercanias, receber por primeiros dons, antes do oiro e dos perfumes, como soberano, o leite, os beijos e as caricias como menino.

Tudo quanto a poesia de todos os povos pôde já-mais fabular de gracioso e amenissimo, não chegar nem por sombras ao ameno e tão gracioso d'esta primeira scena da verdadeira religião, — scena que os pintores e poetas emvão teem forcejado por descrever, — que senhorêa unanimes os corações das turbas, que, até nos seios da alma do negador soberbo, dá suaves commoções. A que região chegou nunca o lume da fé, que a noite do Nascimento do Auctor d'ella, não fosse ahi desfeita em jubilos, acompanhada e seguida por muitos dias de actos espontaneos e gostosos de piedade, e fraternidade. ;Vêde-me todo esse norte, desviado sim pelo erro da estrada da fé, que o farol de Roma allumia mas, ainda christão! Por toda a superficie da Allemanha, da Russia, da Dinamarca a noite do Natal é a festa da familia e sobretudo da infancia. Na sala de cada casa se levantou ás escondidas e a portas fechadas um pinheiro verde: dos seus ramos pendem os ovos doirados, os figos e uvas, passadas ao sol benigno das Hispanhas, os bolos frescos e rescendentes por entre um cardume de luzes: aos pés da arvore contente e dádiosa uma alva meza espéra, não só pelos filhos da casa, mas tambem, e mais anciosamente, pelos do visinho pobre. — Bateu a meia noite: abriram-se as portas: — entra o bando alvoroçado: cada uma d'aquellas mãos sinhas candidas procura e acha o embrulho de papel

de côr, ornado de laços, onde se lê o seu nome: — desaperta-o palpitando-o, e extrae de dentro — este o pifaro ou tambor que mais tinha desejado, — aquella a emplumada bonéca de Nuremberg, que ficará sendo a sua filha, — aquelloutra, mais crescidinha, o anel resplandecente ou o lenço das côres que mais ama. A arvore é logo apéz accommettida, e á porfia despojada de seus fructos, como uma cerejeira madara por um bando de estorninhos. Um banquete geral e folgazão corôa a festa, que se prolonga por toda a noite, com saudes, cantares e danças.

Na Suecia (*) vai ainda mais ostentoso o contentamento: — as cidades parecem transformadas em feiras, onde todo o genero d'essas bagatellas graciosas de que se compõe o thesoiro infantil, está por entre as lanternas relusindo, e provocando a cobiça das creanças a quem n'esta noite benta nada é licito recusar-se: nos campos, o banquete hospitaleiro, que se estenderá por muitos dias, aviventa a habitação do abastado, a chôça aldeã do trabalhador, a officina denegrida do ferreiro e o cazal solitario do creador de vaccas. — Na Inglaterra o convivio do Natal é a época das desejadas reconciliações dos parentes e amigos.

Mas os campanarios desde os oiteiros de Roma até á ultima freguezia rustica dos paizes catholicos, desatinam com repiques, horas antes da invocada meia-noite. Todas as suas egrejas resplandecem de gala e resoam com musica; todas as poisadas dos fiéis os aguardam á tornada da missa da meia-noite com o banquete, quasi tão ritual, mais ritual para muitos, do que o jejum que o precedeu.

Das populares usanças e tradicionaes stylos do nosso bom Portugal n'este despedir do anno; que deleitosas paginas se não poderam ainda agora escrever! ; e conviria talvez fazel-o! — porque n'estes capitulos, não sem interesse, dos fastos populares, cada dez annos, que passam, riscam sempre algum parágrafo, que, uma vez riscado, nunca mais se rescreve; pouco e pouco se apaga e não deixa de si nenhum vestigio. Foram-se os classicos autos do Natal, tão charos á sincera rusticidade dos nossos maiores; — foram-se as éclogas e as lóas — delicias semsabores, mas delicias de nossas avós; — foram-se aquelles famigerados sermões, que ainda ellas alcançaram, em que era obrigação do pregador fazer rir de continuo aos seus ouvintes. A cornamusa e o tamboril, retraídos das cidades, apenas acompanham já a missa do gallo n'uma ou n'outra parochia provinciana: as danças dos aldeões e aldeãs em de redor da fogueira do seu adro, já raream até por lá: entretanto dos regosijos do nosso Natal alguma coisa resta ainda, de que será bom deixar memoria assentada a nossos netos quando mais não seja para os romances em que hajamos de figurar nós como gente de outra era. — A obrigada visitaçào de cada um a todos seus devidos e conhecidos, saneava muita quebra de amizade, e ás vezes as trazia melhoradas para o novo anno. Se já hoje quasi nos não visitamos assim presencialmente, — visitam-se os nossos nomes em lustrosos bilhetes bem tarjados, que, de força lá devem ter sua virtude para aquecer as resfriadas bemquerenças.

(*) O Natal da Suecia merece uma descripção á parte: em outro numero d'este jornal apresentaremos a que dá o jornal dinamarquez, *Penny magazine*, e que uma senhora teve a bondade de traduzir para este mesmo fim.

Ainda hoje o Natal vem feriar de seus trabalhos, o fôro e as escolhas — laurear as cosinhas, trazer ás mezas convidados e alegria; — nas cidades nada mais; porém nos campos (e mais, quanto mais apartados estão da côrte e povoados grandes) todos estes sanctificados dias da festa são intertecidos de prazeres, — prazeres nem todos estereis para a moral. A familia fidalga e abastada tem a sua sala patente ás danças dos camponeses e camponesas, em que os filhos e filhas da eza não desdenham misturar-se: e se o mendigo acerta de apparecer não só leva a esmola, mas a memoria de um banquete, onde ainda uma vez o receberam como a homem. A poisada, onde falta pão o mais do anno, vê entrar á hora da refeição, com que regalar a seus filhos.

Os pastores e as ovelheiras, que desde o primeiro dia da novena cantaram nos seus oiteiros solitarios as tróvas immemoriaes dos louvores do Menino Deus, e na vespera do seu bemdicto Natal vieram ainda repetil-as, em côros alternados, na egreja da freguesia, vem com seus trajos mais louços visitar o seu parcho velho; apertar com elle as relações, que deviam sempre reinar entre o pastor e o rebanho; e offerecer por mãos d'elle ao Recémnascido os seus presentes, que se acredita conterem sempre muita bençãam para quem n'os dá.

; Mas para que é todo este escrever aqui, onde de todo o Natal se não accredita em mais que na cessação dos trabalhos, e no holocausto dos perús?

Depomos a penna. As recordações do que já a pleno saboreámos, lá por essas freguezias emboscadas nos sertões e nas serras, melhor ficam, — muito melhor — no fundo da alma onde as guardamos.

..... O quis me sistat in oris

Taigeti!

INNOCENCIAS.

A PAGINAS 116 d'este volume demos duas amostras d'aquella parte do Album do Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco, que leva por titulo — Innocencias. — Hoje vamos apresentar outras duas, que não hão-de ser menos bem recebidas.

A CREANCINHA.

Non la conobe il mondo, mentre l'ebbe;
Conobill'io, ch'a pianger qui rimasi.

Petrarcha.

2452 E ELLE era comigo a sós no mundo,

Escutando as canções da fresca brisa

A murmurar na margem;

E boiava o barquinho sobre o Tejo,

Como no lago azul deslisa o cisne,

A' descripção das auras;

E da vaga o queixume fá quebrar-se

Entre seiô já roto; e seiô virgem,

Entre o meu seiô e o d'ella!

E ella era comigo a sós no mundo,

Era a casta violeta engrinaldando

O alaúde ao bardo;

E seu rosto era espelho adamantino,

Onde a imagem de Deus brilhava pura,

Representando archanjos;

E o viçoso rosal das terras faces

Inda todo bolão não se pejava

De mens candidos beijos;

E ella era comigo a sós no mundo,
Eu a terra, ella o céu, que em ledo abraço,
Brincavam sobre as aguas!

E eu descantei-lhe assim na lyra d'oiro:

Tu és linda como é lindo
O sorriso da manhã,

Tu és casta como é casto
O seio de minha irmã.

Tu és pura como é puro
O crystal d'esta corrente,

Tu és alva como é alvo
O seixinho transparente.

Tu és doce como é doce
O filtro que os favos têm,

Tu és meiga como é meigo
Um beijo de minha mãe.

Tu és lèda como é ledo
Um tanger de baptisado,

Tu és loura como é louro
O teu livrinho doirado.

Tu és terna como é terno
Das saudades qualquer ai,

Tu és sancta como é sancto
Um conselho de meu pai.

E a innocente mimosa aos sons da lyra,
Sorrindo, adormeceu...! — singela virgem,

Não te adormente o mundo!
Mas ha-de assim quedar-se adormecida,

De louca, a navegar no mar dos sonhos,
E desamar meus hymnos?!

Oh! não sabe escutar canções do bardo,
Intender este amor, cingir-me abraços,

Na illusão de um momento?!

Porque não pôde um resumir de fada
Esta infancia trocar por juventude

Sem devassar mais dias?
Abre a flor immatura em vasos d'agua,

Tens um vaso n'esta alma, agua no pranto,
Que desabroche os animos!

Acorda!... ia acordal-a com meus beijos,
De novo ia gritar-lhe acorda, acorda... —

Eis que pára o barquinho!!
Parou, foi abicar na praia a dentro

Como idéa de encantos, que se enterra
No turbilhão do seculo!

E eu tomei-lhe alva mão, e caminhámos...
Já não eramos dois a sós no mundo!

INNOCENCIA DECIMA PRIMEIRA.

UM BRINCO.

Como no tienes temor?

Arauco Domado — Lopo da Vega.

Porque folgas, infante, ao pé das ondas,
Quando sobem, fugindo, e quando descem,

Perseguindo-as, louquinho?!

Já lamberam teus pés, já, despeitosas,
Te cuspiram á face a leve escuma,

E sorris-lhe, applaudindo?
Oh! não brinques assim... ai!... foge... foge...

E' já tarde!... involveram-te! banharam-te!...
Foge ás vagas do mundo!

A CARTA, que abaixo estampamos, parece-nos que deve causar prazer a todo o leitor, que souber devidamente imaginar-se no lugar de quem n'a escreveu.

Os mesmos rasgos emphaticos de alguns trechos, e que aparentemente desdizem do tom singelo e sincero de outros, são ainda, quanto a nós, realces de naturalidade. — E' um avô, no destêrro de uma aldêa, que se entusiasma contando a seus netos o que é a grande Lisboa, a terra das suas saudades, e talvez dos seus primeiros annos e amores.

Urbem quam dicunt Romam, Melibœe, putavi,
Stultus ego, huic nostræ similem, quò sãpè solemus

Pastores ovium teneros depellere fœtus:
Sic canibus catulos similes, sic matribus hædos,

Noram; sic parvis componere magna solebam.
Verùm hæc tantùm alias inter caput extulit urbes,

Quantùm lenta solent inter viburna cupressi.
Chama-se isto collocar o painel na sua verdadeira

luz.

LISBOA.

Aqui famoso Alcides Lusitano

Vereis um mundo n'uma só cidade,

A quem de prata e ouro o Tejo ufano

Banha em signal d'eterna magestade.

(GABR. PEREIR. CANT. X.)

(Carta.)

2453 Sr. redactor. — Na realidade não lhe posso excar a satisfação, que tive com a leitura do artigo 2371 inserto na sua interessantissima Revista n.º 15, onde nos dá a noticia, de que a cidade de Lisboa vae ter na sua praça grande o seu relógio, e um dos affamados carrilhões de Mafra. Deus permitta que esta noticia se realize; pois se tal vejo morro descansado, pois era um dos objectos, com que intertive muitos serões os meus netos; e lhes disse:

— «É uma pena vêr um edificio d'aquelles estar fóva de Lisboa, ao desamparo. Se vms. vissem, meus rapazolas, um edificio espantoso, que tem tantos *sinos como de dias tem o anno*, que movidos pelos carrilhões tocam tanta muzica como qualquer rialejo!....

Elles de bocca aberta me perguntavam — «O avô-sinho, o que é um carrilhão?» — Eu explicava-lh'o, porém era o mesmo que nada, porque não intendiam; agora porém se tal vejo realisado, tenho a firme tenção, querendo Deus, de ahí lhes ir mostrar o carrilhão, assim como essa cidade, ou esse mundo dentro n'uma só cidade; essa joia de Portugal, essa magestosa rainha do Oceano, da qual lhes estou continuamente a dizer:

— «Se ha uma cidade grande e magestosa, que reuna em seu seio tudo o que pôde encantar os sentidos, tudo o que pôde captivar a imaginação, é sem duvida Lisboa. Edificada no melhor canto da Europa, gozando de um clima alegre, saudavel, e sereno, de uma atmosphêra pura, branda e suave, de um céu azul-claro, tão resplandecente, e tão marchetado de hrilhantes estrellas, que se diria o manto de uma imperatriz de Bysancio, collocada no meio da mais esplendida natureza: nenhuma sultana egypcia, nenhuma odalisca de Constantinopla se espelha nas aguas do Cyrenaico ou do Bosphoro, com mais amor e descuido do que ella o faz, debruçando-se sobre o Téjo, e brincando com as suas vagas. E não é só a natureza que ali é grande; não se admira sómente o Téjo, que rolando suas aguas tão brancas como o diamante, através de campinas cultivadas, de quintas magestosas e de lindos pomares, atravessado por mil barcas ligeiras, por navios de todas as grandezas, e

de todos os paizes, vem como um amante fiel submisso, curvar-se humildemente aos pés da soberba cidade, e trazer-lhe de mimo as preciosidade dos outros povos, os perfumes da Asia, as perolas da Africa, e os thesoiros da America! Não se admiram sómente os formosos sitios, as amenas planicies, e as septe montanhas pittorescas sobre que se assenta Lisboa, como se fóra a Roma dos modernos tempos, tendo por toga consular o cinto magnifico de seus palacios, e por corôa de flôres e de ramos, os zimbórios de seus conventos e as torres de suas egrejas. Ha coisas mais bellas e mais esplendidas ainda, e devidas aos esforços dos homens; monumentos primorosos, soberbos edificios, que transmittirão eternamente aos seculos futuros a gloria do povo lusitano. Haveis de vêr, o seu palacio d'Ajuda, e seu Terreiro do Paço já acabado, e com o seu carrilhão, os seus aqueductos, o seu porto, o seu Theatro de S. Carlos, e o seu D. Maria II, a sua estatua equestre e talvez o monumento de D. Pedro IV, as suas egrejas, o seu passeio publico, o convento da Estrella, o de S. Vicente de Fóra, e depois de correremos toda essa

Nobre Lisboa, que no mundo

Facilmente das outras és princeza;

Que edificada foste do facundo

Por cujo engano foi Dardania acceza:

iremos no omnibus vêr Belem com seus lindos jardins, e o seu convento de S. Jeronimo, e alli mesmo ao lado a sua excellente torre. E se Deus permittir, (e houver pintos) iremos vêr Cintra com as suas bellas quintas, e suas vistas pittorescas, e de lá para Mafra vêr o seu grandioso convento; e permitta o céu que alli não vejamos já os dois affamados carrilhões! Alhandra 14 de dezembro de 1843.

L. J. S. P.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

2454 *Diario do Governo de 12 de dezembro.* — Ordem do exercito n.º 44. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 13. — Portaria mandando sobre-estar no provimento de empregos vagos na contadoria do Thesoiro publico. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 14. — Portaria aos administradores das alfandegas do reino mandando, que elles proponham tudo que poder augmentar a receita sem gravame do commercio, nem prejuizo da industria nacional. A alfandega grande de Lisboa rendeu no mez de novembro 194:624\$503 réis; a das Septe-Casas 130:322\$764 réis e a do Porto 66:438\$224 réis. Venda de bens nacionaes.

Idem de 15. — Relação dos premios, partidos, accessit, que foram conferidos a estudantes da universidade de Coimbra. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 16. — Portaria ordenando que, visto se acharem concluidas as obras no palacio da justiça no edificio da Boa-Hora, para alli se transfiram todos os cartórios e juizos criminaes, que ainda allí não estejam. Venda de bens nacionaes.

FÉRA ESTRANHA.

2455 No dia 2 de dezembro no sitio do Sapateiro, Serra da Mourella, sobre a raia de Galiza, foi morto em montaria um urso, que por sua corpolencia, e raridade causou admiração nos povós, que affluiram a vel-o na villa de Mont'Alegre; julga-se que desceria das Asturias, porque é féra alheia a estes

Paizes. — S. Vicente da Chã 7 de dezembro de 1843.

J. Adão S. M.

MONTARIA FRUSTRADA.

2456 N'um dos ultimos dias de novembro, fez-se nas cercanias de Villa Real uma, havia tempos, desejada e projectada montaria aos lobos, sempre mui sebejos por aquellas paragens e que ultimamente haviam feito suas investidas pelos povoados.

Caçadores não faltaram, que vieram de quatro concelhos; mas faltou direcção, e, por consequencia, acêrto de tactica e efficacia de resultado. Nem uma cabeça de féra corou as fadigas dos caçadores. — Se a brincadeira foi para os lobos innocente, foi proveitosa para os taberneiros das visinhanças.

PARENTES SÃO OS DENTES.

2457 Um menino de 10 ou 8 annos ficou, por morte de seu pae, herdeiro de fazenda avultada. A administração dos seus bens foi deixada, por unanime concurso da familia, á mãe do orpham. Tempos depois conheceu-se, que a boa mãe havia dissipado dos bens da herança uns oito contos de réis; e, passou-se a administração para o avô do roubado: mas não tardou a conhecer-se que o avô, se o deixassem continuar, conduziria ainda mais depressa a pobre creança á mendicidade; foi necessario para remediar este furioso desconcerto das leis da natureza, que o respectivo juiz transferisse a, já muito alliviada administração da mão dos parentes para a de estranhos — mas de conhecida probidade.

MASCARA HISTORICA.

2458 A FESTA de S. Nicolau em *Guimarães* é popular e antiga na terra. Este anno foi ainda mais lusida do que nos precedentes. A dança dos mascarados, principalmente, esteve muito para ver: entre outras figuras appareceu n'ella uma representando um egresso a pedir esmola aos ricassos, que herdaram todos os seus bens, estando elle ainda vivo; o pensamento foi applaudido geralmente.

O CULTO DE SANCTA IZABEL.

(Carta.)

2459 Sr. Redactor. — Vendo o artigo 2244 da *Revista Universal Lisbonense*, que tracta da trasladação da Rainha Sancta Izabel, do seu jazigo, no antigo convento de Coimbra; e do estado actual do seu culto: não pude conter o zêlo, que me inflamma pela memoria d'aquella excelsa Rainha, prototypo de virtudes, e esplendor do throno portuguez. E' igualmente lamentavel o desamparo em que ficou o seu culto, na capella que lhe erigiu, e dotou, n'esta villa d'Extremoz, el-rei D. João V. segundo o antigo voto, feito na arriscada crise da batalha das linhas d'Elvas.

Tão historicas recordações, a par do respeito, consagrado ao logar do seu tranzito para a patria dos justos, tudo se sacrificou á mesquinha e acanhada avidez de poucos contos de réis, porque se lhe vendeu a dotação alcunhada, *bens nacionaes* e que nunca o foi: e por tão insignificante porção de dinheiro, (mal havido) se enterrou no esquecimento, um culto, que não só honrava, e edificava, os extremosenses, mas atraía os povos de toda esta provincia: teem-se perdido providencias, para occorrer a esta falta; algu-mas se prometteram, e não se cumpriram; e até se

propoz a instauração de uma confraria, ou irmandade que ao menos se encarregasse do cuidado do templo e alfaias; e perpetuasse a veneração de tão inclita protectora dos portuguezes; baldadas porém teem sido tão catholicas, e portuguezas diligencias; e para que não fiquem infructiferas, as concessões apostolicas conferidas ao seu dia, e oitavario, tem sido preciso, que alguns devotos contribuam, para que as portas do templo estejam abertas n'aquelles dias, em que a affluencia dos fieis, é numerosissima! . . . Lamentavel desamparo o de quasi todos nossos monumentos historicos.

Extremoz 13 de dezembro de 1843
Francisco Maria da Silva Torres.

ESCANDALO.

2460 «No dia 8, estava-se festejando a senhora da Conceição, na igreja de *S. Miguel de Lavandos* concelho da *Povoa de Varzim*, arciprestado de Villa do Conde; e quando se cantava a missa, e com o Sanctissimo exposto, á epistola, entráram os cabos de policia pela igreja dentro para prender dois recrutast!!! Um dançou-se do côro abaixo e evadiu-se, o outro com o povo resistiu; houve pancada de fóra para dentro e de dentro para fóra, contusões, ferimentos e até sangue dentro do Templo!!! A respectiva auctoridade ecclesiastica suspendeu os officios divinos na dicta igreja, até que o arcebispo a absolve.» (Pobres no Porto.)

SENTIDO NAS CREENÇAS.

2461 Refere a *Coallisão* que a 11 do corrente caíra de uma janella de quarto andar da *hospedaria do Sol*, no largo da *Batalha* no Porto, uma menina de dez annos, que, batendo no lagêdo, ficára muito maltratada, posto que não em estado de se perderem de todo esperanças de a salvar.

MAIS.

2462 Acrescenta o *Cosmopolita* jornal tambem do Porto, que no mesmo dia 15, — «na freguezia de *Alfêna*, fóra semidevorada por um porco uma creança, que seus paes tinham deixado no berço.»

MACRÓBIA.

2463 No hospital dos *terceiros* de *S. Francisco* do Porto, expirou a 17 de novembro ultimo, a entevada, *Rosa Francisca de Lima*, viuva, contando de edade 110 annos.

MACROBIO.

2464 «No dia quatro do corrente falleceu no concelho de *Setubal*, *Salmo Ferrugem* com 104 annos de edade: — nasceu na freguezia de *Sancta Catharina*, na ilha de *Malta*; — residia n'aquella villa ha muitos annos, e estava senhor de todas as suas faculdades intellectuaes; — girava em commercio com os capitães de navios estrangeiros, que affuem ao porto, e só, dentro d'um bote que tinha, fa a bordo dos dictos navios levar-lhes os generos; empregou-se n'este trafico até mui pouco tempo antes do seu fallecimento; possuia alguns bens de que dispoz em testamento feito em setembro proximo findo.» (Restauração.)

CRIME PUNIDO.

2465 No dia 29 do preterito novembro, se fez na

villa de *Mont'Alegre* o julgamento dos réos indiciados no crime d'assassinamento na pessoa de *José Affonso*, de *Penedones*, casado no lugar da *Castanheira* d'esta freguezia, morte que circumstanciadamente noticiou a *Revista Universal* no artigo 1967. A audiencia durou 24 horas continuadas, houve um mui numeroso concurso de espectadores, pois que o publico dezejava a punição de um crime, por suas circumstancias tão atroz: honra ao consciencioso Jury; que resistindo a toda a consideração, firme soube cumprir seu dever; e ao illustre Juiz que nobremente desempenhou como sempre seu lugar.

O réo, excriado do assassinado, foi condemnado á pena ultima, e a sogra e mulher do morto a um anno de prisão; foram deffendidos em eloquentissimos discursos pelos advogados, o joven *F. A. Barrozo Pereira*, e o já conhecido *J. J. de Lama d'Arcos*; não se distinguio menos o illustre agente do ministerio publico o *Bacharel T. J. de Meirelles Guerra*, que em um energico, e elegante discurso formou uma vehemente accusação aos réos, e igualmente o advogado *J. J. F. Caldas*.

A opinião publica parece exigia maior pena ás culplices, mas o rectissimo juiz, e consciencioso jury, não achariam prova sufficiente para tal augmento de castigo; sendo-lhe aquelle infligido pelos duros tractos que davam ao paciente marido, e genro. Por esta occasião tributaremos merecidos elogios aos cidadãos que n'esta comarca, desde 1838 teem servido de jurados, porque exactamente teem cumprido os deveres de tão nobre cargo; teem sido inflexiveis contra os perversos sobre tudo assassinos e ladrões; o que nos confirma mais na opinião, em que estamos de que, não tanto a falta d'instrução, como outras causas, já conhecidas, tem influido no descredito do jury na maior parte das terras do reino.

S. Vicente da Chã 7 de dezembro de 1843.

J. Adão S. M.

STATISTICA CRIMINAL DO DISTRICTO DA HORTA.

2466 Devemos ao illustre governador civil da Horta, diversos mappas e statisticas do seu districto; que, para maior commodidade da impressão, reduzimos a outra forma; e com a qual hoje os começamos a publicar.

Desde o 1.º de Janeiro de 1838 até 31 de dezembro de 1842. — Armas defezas, 2 — Resistencia ás auctoridades, 4 — Fuga de presos, 3 — Arrombamentos, 2 — Assassinamentos, 5 — Infanticidio, 1 — Suicidios, 3 — Propinação de veneno, 1 — Roubos, 7 — Furtos, 32 — Rixas, 28 — Transgressão de policia, 169 — Crime de torpezã, 1.

Fuga de presos. — Tres homens da Terceira, que existiam na cadêa d'esta Cidade, novamente capturados na Ilha do Pico.

Arrombamentos. — Um na cadêa, e o outro nos armazens do arsenal d'esta cidade, por gente da Terceira e do Pico.

Assassinamentos. — Dois occorridos no meio do conflicto de desordens, sem proposito firme, e animo deliberado.

Outro praticado por um individuo do concelho de *S. Roque do Pico*, na pessoa de uma sua creada, com intento de acabar com a unica testemunha que podia revelar alguns furtos, que elle tinha praticado.

Outro no concelho das Lagens da Ilha das Flores, practicado por uma mulher cazada, na pessoa de seu marido. — O delirio de uma nova paixão, em que se achava enlaçada, a fascinou a ponto de commetter este horrendo crime, para se libertar dos vinculos que a prendiam.

Outro praticado em um creado de servir, unico que tinha conhecimento das relações, que o matador tinha no seio de uma familia, que aliás passava no publico com a apparencia da maior honestidade.

Infanticidio. — Um no concelho das Lagens do Pico, anterior ao estabelecimento da Roda dos expostos.

Suicidios. — Um homem que tendo perpetrado um veneficio se envenenou depois curtido de remorsos.

Outro que se precipitou em um poço, na rua de Jesus d'esta cidade.

Outro de uma mulher cujo cadaver foi encontrado no mar, a pouca distancia do caes, na Villa de S. Roque, havendo toda a presumpção de se ter voluntariamente precipitado.

Propinação de veneno. — Uma praticada por um maritimo natural da Ilha Terceira.

Roubos — septe. — A saber: um na freguezia da Praga do Almoxarife, d'este concelho; um n'esta cidade; um na mesma em uma loja de fazendas; dois na mesma em duas ditas; um na freguezia de Pedro Miguel, d'este concelho; e finalmente um em um armazem d'esta cidade.

Furtos. — A maior parte são feitos nos campos ultimamente aforados, que confinam com os baldios, ou campos do concelho; e constam de alguma pouca lenha que os pobres n'elles colhem.

O INFANTE D. PEDRO.

2467 SAIO á luz — Resumo historico da vida, acções, morte jasigo do infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino de Portugal na menoridade d'elrei D. Affonso V. (com seu retrato e *fac simile*), pelo Abbade A. D. de Castro e Soisa. &c. Lisboa 1843.

N'este opusculo, de 17 paginas de oitavo grande, reñiu o seu laborioso auctor o mais que pôde de noticias dispersas, ácerca d'este famoso personagem, de quem se escreveu e ainda hoje proverbialmente se diz, *corrêra as septe partidas*; e cuja signa vagabunda o seguiu ainda depois da morte, sendo o seu cadaver cinco vezes mudado de sepultura até hoje, que jaz na egreja da Batalha, Deus sabe se á espera de novos trabalhos. A gravura representa o principe *vestido com uma cota de armas — sobre o gorgel da cota, tem a ballona, e uma martimenga enleada com ramos de carvalho ou azinheira, na cabeça.*

PANTÓLOGO.

2468 PEDIMOS, por mercê, ao Sr. Braz Tizana, correspondente do *Periodico dos Pobres no Porto*, que nos diga — em que artigo da *Revista Universal* viu desfavorecido o projectado periodico intitulado — *Pantólogo*.

Cuidavamos que até hoje não tinhamos dicto uma unica palavra, clara nem allusiva, a tal respeito; e isto pela simplicissima razão de que não sendo o *Pantólogo* ainda nascido, não o conheciamos, e do que não conhecemos não costumamos fallar. — Visto porém que o Sr. Braz Tizana assevera o contrario, e até por is-

so nos chasquêa, ficamos persuadidos de que teriamos algum ataque de somnambulismo e n'elle baptisariamos (não sabemos como) o féto *Pantólogo*, ainda dentro no ventre materno.

O nosso amavel pharmaceutico não deixará certamente de satisfazer á nossa justa curiosidade. Se não fomos nós os somnambulos, então foi-o elle infallivelmente.

SEVICIAS.

2469 ANDA na bocca de todos um terrivel exemplo dos effeitos da tyrannia domestica.

Car ils savent, ces cœurs lachement despotiques, Que la loi n'atteint pas les tyrans domestiques.

Um sujeito, morador em Lisboa, na freguezia da Lapa, tinha mulher e uma filha. Sua mulher jazia na cama gravemente enferma. Mexericos de um falso amigo denunciaram-n'a ao brutal esposo, como consentidora de amores da filha com um mancebo, só inferior a ella em jerarchia, posto que não tanto que o suspirado consorcio o podesse deshonrar. Arrebatado com esta nova, talvez tambem com o incitamento de ruins conselhos, toma um ferro, entra no quarto da virtuosa esposa; vae immolal-a: — houvera-o feito se o não suspendem e o desarmam a tempo. — A tempo? não. — A vista d'aquella arma assassina na mão, que apertando a sua lhe jurára amor e protecção, havia-a ferido de morte. A 8 cessou de padecer.

O tigre, desarmado no primeiro conflicto, correu a vingar-se em sua filha; — espanca-a, arrasta-a, apesinha-a e deixa-a em termos de, talvez dentro em pouco, ter de ir repousar no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres ao lado de sua mãe. D. A. M. da S.

HOSPITALIDADE.

2470 CHEGADOS a Abrantes, pelos fins de novembro, bastantes emigrados hispanhoes, acompanhados por uma escolta portugueza, foram aquartelados na villa charidosamente. O Sr. Coronel D. Manuel Martinini, cavalheiro, hispanhol por nascimento, mas rico proprietario no Ribatejo e empregado ha muitos annos no serviço d'este reino, portou-se bisarramente n'esta conjuntura como em todas: fez honra á sua patria de adopção, abrigando aos filhos da terra do seu nascimento. Tomou d'entre elles cincoenta, aos quaes todos offereceu, para os livrar dos perigos da pobreza ociosa, trabalho nas suas amplas fazendas e 160 réis diarios. O governador consentiu.

São cincoenta infelizes de menos.

HERÓES.

2471 ESCRVE-NOS de Braga o Sr. J. M. de A. um caso de trepolia estudantal, que por sua gravidade requer grande escarmento e energicas providencias para o futuro. A terrivel mania, do que entre os academicos se chama *heroicidade*, e consiste — em provar afoitezas, fóra de propósito, e ainda com prejuizo e offensa de outrem, é commum em todas as universidades. Na de Coimbra, já ella foi por muitas vezes escandalosa; e não poucas desde o façanhado rancho da *carquêja*, tractada com exemplarissimo castigo. Braga encerra já um numero tão avultado de estudantes, que não admira, que o espirito de heroicidade já apparecesse tambem lá.

A 5 pelas 10 horas da noite, enquanto no thea-

tro da terra se estava representando, faziam alguns estudantes vadios uma tragedia verdadeira na rua das *Aguas*. A ronda que vinha recolhendo, encontrando-os a fazer disturbios, os mandou accomodar e recolher. Dois dos amotinadores, saindo d'entre a turba, commetteram com armas a ronda, deixando dos cabos d'ella, um morto, outro ferido gravemente. Alguns estudantes e outros sujeitos dos que andavam com elles, foram presos; e estão mettidos em processo.

Outra carta escripta sobre isto mesmo ao *Periodico dos Pobres no Porto* termina com estas palavras: — «Os tribunaes dormem, os jurados absolvem, e os criminosos passeiam, roubam, e assassinam á hora do dia. Braga tem presenciado scenas horribes, crimes medonhos, commettidos não pelos seus filhos, mas por estranhos que a esta cidade se tem recolhido: ha um anno accordou aos clamores da justiça contra o capitão Pereira e sua mulher; esta foi pronunciada, mas aggravou para a relação do Porto, e onde desde março está o agravo. O capitão foi condemnado; appellou para o supremo tribunal, d'onde ainda não saiu resultado. Que faz a relação do Porto? que faz o supremo tribunal?»

THEATRO DE S. CARLOS.

A SOMNAMBULA — *Musica de Bellini.*

2472 PELA quinta vez vimos em scena repetida (quarta feira 6 do corrente) esta linda opera, desempenhada pelos Srs. Flavio, Montemerli e Bruni, e pelas Sr.^{as} Rossi, Carmini e Rosini. Quasi que nos pareceu nova, tão bem ensaiada estava, e com tanto gosto a ouvimos.

A execução foi brilhante, e inimitavel no canto por parte da sr.^a Rossi, muito principalmente no rondó, cuja cabaleta foi cantada pela grande artista de uma maneira arrebatadora e superior a todo o elogio. Além dos bellissimos *passos* de agilidade e de *bravura*, de delicadeza e força, acabados e nitidos na ultima perfeição, ouvimos-lhe um *mi mol* sobreagudo, apanhado de salto, e sustentado com a maior justezá. Os outros artistas não contribuíram menos para o bom exito da opera, em especial o Sr. Flavio, que tem uma parte importantissima e muito se distingue no final do 1.^o acto.

Havia já algum tempo que o habil pincel dos Srs. Rambois e Cinatti, sem que houvesse desmerecido, não nos dava occasião de o admirarmos, mas na ultima vista d'esta opera, nos manifestou elle toda a sua pericia, e o publico a acolheu com mui dignos applausos.

Brevemente teremos logar de fallar mais d'espaco de uma nova opera — O Regente — que dentro em poucos dias subirá á scena. *Silva Leal.*

O AMOR DOS HOMENS E A CHARIDADE DOS DROGUISTAS.

2473 MAIS uma prova da muita razão, com que a *Revista* se tem queixado da falta de policia medica, e de se consentir que os herbolarios e drognistas vendam substancias venenosas a quem lh'as pede.

Um sujeito, providente em materias de amores, queria bem a duas damas ao mesmo tempo:

Esta é mais bella que a outra;

Porém a outra é mais bella;

A'quella prefiro eu esta;

A esta prefiro aquella.

Qual batel, que a oppostos ventos

Entregue, vaga perdido;

Em dois amores effactua

Meu coração repartido.

Estas exclamações ou estes queixumes do poeta de

Sulmona deviam ser tambem os do nosso namorado.

A ambas tinha promettido a mão, mas como a esquer-

da de nada serve para taes actos, via-se na impossibilidade de satisfazer a mais do que uma. Pelos amores novos esquecem os velhos. Preferiu a segunda.

A primeira —

(j Quem, quem póde enganar de amor o instincto!?)

diz Virgilio fallando da sua Dido) — soube ou adivi-

nhou que ia ser victima sacrificada no triumpho pre-

parado á sua rival, e determinou vingar-se d'ella,

agoirando-lh'o com um spectaculo insperado de morte.

Sae arrebatadamente de caza; compra n'um dro-

guista um veneno, e toma-o: dirigindo-se para a porta

de sua rival, onde determinou cair defuncta, per-

suadiu-se que ou a dóse já recebida era insufficiente

ou que o seu effeito não seria assás appressado para a

sua impaciencia; entrou na loja de outro droguista e

comprou uma libra de agua forte. Por fortuna o frasco

já cheio, estalla-lhe nas mãos: a dôr da queimadura

a desatina e lhe faz olvidar por então o seu designio;

corre a uma botica para se fazer curar da mão,

e ahi declara que está envenenada. Levaram-n'a logo

para o hospital de S. José, asylo que, segundo se vê,

por mais de um titulo, lhe competia.

Dá nos esta noticia o Sr. Isidoro José Gonçalves.

MORTICINIO DE CÃES.

2474 UMA carta do Porto louvando, e com razão, o policial exterminio que se está fazendo aos cães vadios d'aquella cidade, censura (tambem com razão) que emvez de levarem na antemanhã os cadaveres d'aquelles brutos em carros para onde hajam de ser sepultados, se deixe aos rapazes andarem-n'os arrastando pelas ruas no decurso do dia, ainda que para os levarem ao designado cemiterio. Scenas taes são desagradaveis a quem n'as presenciã; e os muchachos, muitas vezes, tão vadios como os mesmos cães, e já aliás pessimamente creados pela sua pobreza e desamparo, adquirem assim ou corroboram sentimentos de ferocidade, que depois vem a applicar-se a objectos de maior monta.

O systema de matar os cães com veneno tambem de certo não é o melhor. Tudo quanto escusadamente se prolongar na sua agonia fica sendo um crime de lesa natureza, sem nenhuma especie de desculpa. O alvitre, que um de nossos correspondentes deu no primeiro volume d'este jornal, artigo 682, é sem dúvida preferivel a qualquer outro: — «propomos, dizia elle, como menos atroz, que aquelles animaes que se pertenderem destruir, sejam encerrados em um receptaculo, convenientemente disposto e fechado, e alli asphyxiados por meio dos gazes, acido carbonico ou sulfuroso.»